



## O VÍRUS DA XENOFOBIA E A PANDEMIA DE COVID-19.

*EL VIRUS DE LA XENOFOBIA Y LA PANDEMIA DE COVID-19.*

*THE XENOPHOBIA VIRUS AND THE COVID-19 PANDEMIC.*

Hesley Machado Silva<sup>1</sup>

### **Resumo:**

O texto aborda os riscos envolvendo xenofobia contra os chineses na internet, e redes sociais, na pandemia da COVID-19, além de demonstrar como irracional esta manifestação é, especialmente a ideia de criação de vírus em um laboratório. Nesse propósito, são abordados exemplos históricos de como o preconceito xenóforo não tem sentido e tem prejudicado a trajetória da humanidade em todas as regiões do mundo. Finalmente, alerta sobre a necessidade de usar ciência para enfrentar o novo coronavírus e abandonar as teorias da conspiração.

**Palavras-chave:** xenofobia; novo coronavírus; história; doenças; Fake News

---

<sup>1</sup> Pós-doutor em Educação e Ciências. Universidade do Minho. Doutor em Educação. Universidade Federal de Minas Gerais (UEMG). Professor e pesquisador da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e Centro Universitário de Formiga/MG (UNIFOR/MG). ORCID: [0000-0001-8126-8962](https://orcid.org/0000-0001-8126-8962), E-mail: [hesley.silva@uemg.br](mailto:hesley.silva@uemg.br)

### **Abstract:**

The text addresses the risks involving xenophobia against the Chinese on the internet, and social networks, from the COVID-19 pandemic, in addition to demonstrating how irrational this manifestation is, especially the idea of virus creation in a laboratory. For this purpose, historical examples of how xenophobic prejudice is meaningless and have damaged humanity's trajectory in all world regions are addressed. Finally, I warn about the need to use science to confront the new coronavirus and abandon conspiracy theories.

**Keywords:** xenophobia; new coronavirus; history; diseases; fake news

### **Resumen:**

El texto aborda los riesgos que implica la xenofobia contra los chinos en internet, y en las redes sociales, a partir de la pandemia del COVID-19, además de demostrar lo irracional de esta manifestación, especialmente la idea de la creación de virus en un laboratorio. Para ello, se abordan ejemplos históricos de cómo los prejuicios xenófobos no tienen sentido y han perjudicado la trayectoria de la humanidad en todas las regiones del mundo. Por último, advierto de la necesidad de utilizar la ciencia para hacer frente al nuevo coronavirus y abandonar las teorías conspirativas.

**Palabras clave:** xenofobia; nuevo coronavirus; historia; enfermedades; fake news

## Introdução

Existe um vírus, que não é novo, potencializando os efeitos da pandemia do novo coronavírus, o agente infeccioso da xenofobia (White, 2020). Nos EUA, o Presidente se refere ao "vírus chinês"; no Brasil, o filho do Presidente é ainda mais explícito ao apontar o vírus como o trabalho do "regime comunista chinês". Ainda no Brasil, o

Ministro da Educação acusa e ridiculariza os chineses no meio de uma pandemia, sugerindo que a pandemia seria um plano para dominar o mundo, sem nenhuma manifestação contrária de outros setores do governo. Tudo isso devidamente disseminado através de redes sociais por seguidores raivosos (Mathew *et al.*, 2019), que estão ansiosos para culpar alguém pelo flagelo que aflige a humanidade.

A xenofobia é um problema mundial recorrente; ela ocorre em ondas em vários países e os resultados sempre foram devastadores. A violência, o preconceito, o desrespeito aos outros a marcam. As diferenças culturais e os limites culturais sempre existiram e muitas vezes geram tensão e hostilidade a esses limites. Uma pode definir xenofobia por hostilidade à outra, mas é uma definição generalista, e o fenômeno é polimórfico e difícil de conceituar (Baumgartl e Favell, 1995).

A xenofobia surge de diferentes maneiras e contra diferentes povos e culturas. A Europa tem experimentado movimentos de cidadãos ocidentais em relação aos povos orientais dentro da própria União Europeia (Taras, 2009); o "Brexit" (movimento do Reino Unido para deixar a União Europeia) deve-se em parte ao discurso xenóforo (Khalili, 2017). Esta face europeia também pode se manifestar contra a religião, como contra os judeus, por exemplo, que historicamente culminou no holocausto (Wistrich, 2013), e fortemente, recentemente, contra aqueles que professam o islamismo (Taras, 2012).

No entanto, o fenômeno não é exclusivamente europeu. A penúltima eleição americana trouxe à tona o tema da xenofobia, notadamente contra latino-americanos e islamistas, com o lema de construir um muro intransponível na fronteira com o México, e teve a vitória de tal discurso (Whitehead, Perry e Baker, 2018). No entanto, será uma manifestação típica do Ocidente? A resposta é não. A própria China experimenta isto em diferentes escalas, de várias maneiras, contra os japoneses, por exemplo (Hai, 2005). Recentemente, em Cingapura, o fenômeno assumiu outras faces, contra os chamados "talentos estrangeiros" que chegam ao país, com ameaças on-line (Gomes, 2014).

## Xenofobia e COVID-19

Portanto, a xenofobia não é local, não é nova, mas a situação dramática da pandemia da COVID-19 proporcionou uma oportunidade para emergir ressentimentos. O rancor contra o regime político chinês, e em relação a sua força econômica em vez de considerar sua tecnologia, sua coesão social, tornou-se mais fácil culpar a origem, como se fosse intencional. O novo coronavírus permitiu a vingança de nossas fraquezas contra o sucesso econômico chinês através das mídias sociais, o que vem acontecendo em vários países (Armony e Velásquez, 2015; Yamaguchi, 2013). É evidente que as ações comerciais agressivas do governo chinês (Zheng, Pan e D'Costa, 2012), especialmente em países com uma economia mais fraca, ajudam a alimentar este ambiente online.

Isso ocorre em um mundo que depende do comércio internacional, que xenofobia será beneficiada se as relações forem tensas com a segunda economia do mundo, que no provável futuro próximo será a primeira (Breslin, 2016)? Muitos países têm a China como seu principal parceiro comercial, sem mencionar que este país é o maior fornecedor de produtos hospitalares do planeta. O preconceito só vai complicar esta relação, e é muito insensato criar fricções, especialmente neste momento desafiador da história.

A hipótese de que a China produziu o vírus e o espalhou como parte de um plano macabro de arquitetura difundido na cruzada xenofóbica das redes sociais é totalmente irracional. É algo digno de um filme de ficção científica B, mas experimentado hoje amplamente na internet, com milhões e milhões de seguidores e disseminadores insuspeitos. É ilógico imaginar o governo chinês produzindo um vírus assassino, lançando-se em uma de suas áreas industriais mais importantes, bloqueando milhões e milhões de pessoas em quarentena e a economia da região, gerando danos incalculáveis, causando dezenas de milhares de infecções e alguns milhares de mortos (Novel, 2020). Tudo isto prevendo que, no final, este governo maléfico triunfaria sobre outros povos, completamente inoportuno e absurdo.

No entanto, a China se recuperará mais cedo, é verdade, mas o drama começou lá mais cedo, é provável que os chineses tenham errado em não alertar o mundo o quanto antes, mas também cometemos erros ao não nos prepararmos a partir do que vimos em sua experiência. Outros países não podem dizer que não sabiam que havia um risco iminente para a humanidade, vários avisos foram dados em janeiro de 2020 e ainda estão sendo dados hoje, e os governos ainda continuam a ignorá-lo, como os do Brasil, Nicarágua, Belarus e Turquemenistão, que em abril de 2020 ainda o ignoravam (Bello, 2020).

Devemos esperar que a China se recupere rapidamente e ajude o resto do planeta a se recuperar da depressão econômica que se avizinha. Entretanto, e quanto ao

papel do autoritarismo no relativo sucesso no combate à disseminação? Pode ser, mas a coesão social do povo asiático foi importante, como em outros países asiáticos. Taiwan, Coreia do Sul, Cingapura e até a China usaram e estão usando tecnologia para detecção e rastreamento; devemos aprender com nossos erros e sucessos e com os de outros também, o que quer que seja. A epidemia de Síndrome Respiratória Aguda (SARS) em 2002 e 2003, e os erros que ocorreram ao enfrentá-la na China e em toda a Ásia, os prepararam melhor para esta crise atual (Wu e McGoogan, 2020). É um aprendizado; este é o caminho para o confronto atual, não encontrar culpados imaginários.

### **Xenofobia, doenças e história**

Quando pensamos em aprender, talvez devêssemos ter em mente que os sucessos e erros do passado podem ser a maneira de enfrentar o desafio atual. Pode-se buscar casos emblemáticos na história, que talvez os negacionistas embebidos na internet possam entender. Não há como negar o impacto da AIDS sobre a humanidade. Embora saibamos que a origem da doença foi no continente africano (Heeney, Dalglish e Weiss, 2006), será que a culpa foi dos africanos? A resposta deve ser enfática: Não! A doença passou para os humanos em contato acidental com macacos (Sharp e Hahn, 2011). Talvez este exemplo não seja suficiente para convencer, talvez a malária, nosso maior flagelo histórico, possa. É impossível calcular quantos matou; sua origem parece complicada. Entretanto, é possível rastrear que também chegou dos grandes primatas (Prugnolle *et al.*, 2010) através de um mosquito, a forma mais mortal de Plasmodium. Algum chinês, ou europeu, ou africano, ou qualquer outra parte do mundo planejou isto? Claro que não, assim como o vírus Ebola não foi.

Devo ter cuidado porque se eu apresentar exemplos africanos, os fanáticos e irracionais seguidores da internet podem virar suas armas de difamação contra os africanos e espalhar que um possível encanto de feiticeiro de feiticeiro deve ter criado essas doenças. O pior, haverá aqueles que acreditarão. Portanto, precisamos procurar mais exemplos de outras partes do mundo.

É difícil pensar em um flagelo maior para o indivíduo do que o câncer, um tipo de neoplasma relacionado a um vírus foi identificado no Japão no final do século 20, chamado de leucemia/linfoma de células T adultas (Takatsuki *et al.*, 1985). Faria sentido chamar ele de câncer do vírus japonês? E atribuí-lo a uma estratégia comercial japonesa? É claro que não. Para continuar entre os famosos cordiais japoneses, desde o século XIX, eles são apontados como a origem da encefalite viral que se espalhou pelo mundo, e a xenofobia viral não fazia sentido na época,

por razões óbvias. No entanto, ainda era um erro na origem porque estudos posteriores mostraram que a verdadeira origem deve ter sido a Indonésia-Malásia (Solomon *et al.*, 2003).

Assim, podemos concluir que estes novos vírus são sempre de origem africana ou asiática. Devemos rotulá-los então? Um grande erro. Um grave vírus neuropatogênico humano foi detectado em 1999, em Nova York. Que tal chamá-lo o vírus Big Apple? Nada parecido com isso. Estudos posteriores mostraram que um vírus do Nilo Ocidental (WN) seria nativo na África, Ásia, Europa e Austrália, tendo já causado epidemias em várias partes do mundo (Campbell *et al.*, 2002). Contra quem vamos ser xenófobos? Quem sabe a culpa das aves, reservatórios deste vírus. É racional procurar os culpados?

Talvez recorrer à história novamente possa lançar luz sobre a insanidade nas mídias sociais, mas o problema é que a história, a lógica e a análise não é a força desta turba; teorias de conspiração infundadas são mais bem sucedidas neste meio. Provavelmente o maior flagelo da história tenha sido a peste negra ou bubônica, difícil de pensar em algo mais dramático, que matou uma enorme porcentagem da população em poucos anos na época, no século XIV, as estimativas variam, mas sempre quase inacreditáveis (McEvedy, 1988).

Felizmente, a estupidez não se espalhou tão rapidamente como hoje, mas infelizmente, a humanidade não era imune ao vírus da xenofobia, mesmo em uma pandemia causada por bactérias. Nossa triste capacidade de culpar alguém em um período de crise já ocorreu, e o preconceito se voltou para aqueles que não estavam sob a tutela da religião cristã romana, cujo resultado foi uma perseguição aos judeus, atribuindo-lhes a praga (Finley e Koyama, 2018). Não seria necessário falar sobre o resultado deste tipo de preconceito no século XX, mas talvez seja melhor dizer que este tipo de insanidade se perpetuou até o século XX, com o holocausto nazista, o que realmente aconteceu. Parece ridículo ter que dizer isto, mas não esqueçamos que existem grupos na internet que pregam que o massacre dos judeus na segunda guerra nunca ocorreu (Lipstadt, 2016), inacreditável? Eu concordo. Seria como dizer que a terra é plana no século XXI, ato falho meu. Alguns grupos acreditam neste outro absurdo na internet; teorias conspiratórias e estupidez não têm limites (Mohammed, 2019).

Voltando à Peste Negra, é importante ilustrar melhor o efeito nocivo do preconceito e da xenofobia. Em 1348, a peste se aproximava do império alemão (uma coincidência com o holocausto nazista?). As autoridades e mesmo os religiosos acreditavam ou estimulavam rumores infundados de que os judeus haviam envenenado as fontes de água para contaminar os cristãos. A tortura rapidamente gerou confissões de judeus, e a perseguição explodiu em mais de

trezentas comunidades, milhares foram queimados até a morte, e suas riquezas foram saqueadas. Bloggers e afins, isto está muito bem documentado em cidades como Estrasburgo, é claro, faz pouca diferença para vocês. A população em geral participou deste massacre e roubo, os poucos sobreviventes fugiram e durante séculos não puderam retornar à Alemanha (Winkler, 2005). A xenofobia, a idiotice coletiva e o preconceito têm efeitos macabros duradouros.

Além disso, é importante lembrar aos disseminadores do ódio na Internet que culpar os judeus, sendo xenófobos, a população, a religião dominante e as autoridades alemãs da Idade Média, não provocaram a pandemia. Nada. A peste negra massacrou a todos, a peste passou, mas o preconceito permaneceu. Os ratos, suas pulgas e suas bactérias continuaram sua marcha devastadora (Zietz e Dunkelberg, 2004), apenas os judeus sofreram mais, e a ignorância triunfou, não contra a doença, mas contra uma minoria. Culpar os judeus não ajudou em nada; isso só piorou o flagelo, assim como culpar os chineses não vai mitigar ou resolver nada sobre a pandemia.

Entretanto, os grupos de divulgação de Fake News, em seu desejo irracional de espalhar o ódio, poderiam dizer que estes exemplos pertencem ao passado, que não têm nada a ver com nossa realidade porque aqui a culpa foi de um sinistro laboratório chinês. Era sinistro, sim, mas não era um laboratório; muito provavelmente, era um mercado ecológica e humanamente deplorável de animais selvagens (Rothan e Byrareddy, 2020).

### **Brasil, doenças e culpa**

As hordas das redes sociais brasileiras dirão que vem sempre de fora, que doenças, pandemias, vêm de cantos obscuros do mundo para dominar e roubar o Brasil, sua floresta tropical amazônica, ou sua agricultura ou minerais, desconectando-se da realidade. Dengue, Chikungunya e Zika, flagelos tipicamente brasileiros, como explicá-los? Coisas da natureza? Entretanto, o vírus Zika foi descoberto na África (Kindhauser *et al.*, 2016), então, será que vamos culpar os africanos? Talvez culpar alguém seja mais fácil de lidar do que limpar nossos quintais, combatendo o mosquito *Aedes aegypti* e não assumindo nossa responsabilidade nestas epidemias que matam brasileiros a cada ano (Paixão *et al.*, 2015).

Outro flagelo que surge de tempos em tempos no Brasil é a febre amarela; sua origem é incerta; há relatos dos séculos XV e XVI (Barrett e Monath, 2003), portanto, mais uma vez, culpar alguém é contraproducente. Temos uma vacina; conhecemos o transmissor para combatê-la, mas reina a estupidez. As mortes de macacos são um indicador importante da presença da doença grave, mas o que

alguns brasileiros incautos têm feito? Eles espalham o rumor de que a culpa é dos macacos. Como resultado, eles começaram a matar macacos no Brasil. É desnecessário dizer quão irracional esta atitude é; além de ser cruel e ecologicamente condenável, dificulta o controle da doença, pois perdemos a referência ao seu surgimento. E assim a doença continuou a matar pessoas (Tomori, 2004); não vale a pena culpar os macacos; é muito melhor enfrentar a doença com ciência e atitudes racionais, como a vacinação, por exemplo.

De onde escrevo, a propagação na Internet de que os chineses são culpados é intensa, como se a aparência da doença tivesse que ser intencional. Entretanto, esquecemos que o Brasil e suas florestas, herança que enche a todos de orgulho, também são possíveis fontes de doenças emergentes no futuro, ficção? Teríamos que ter um laboratório sofisticado, pois ele está relacionado ao que aconteceu na China? A produção foi intencional no laboratório fictício chinês, mas quando a fonte é a maior floresta tropical do mundo, não é? O passado nos mostra que isso já aconteceu, mas felizmente para nós (e para todo o planeta), não foi um agente infeccioso de fácil transmissão como o novo coronavírus.

Podemos falar da Febre Oropouche, um vírus descoberto em trabalhadores florestais em Trinidad em meados do século 20 e transmissível através de picadas de mosquitos. O primeiro registro no Brasil é de 1960; houve vários surtos epidêmicos subsequentes nos estados deste país. No estado do Pará, também no Brasil, em 1961, o vírus mostrou seu potencial epidêmico, com 11.000 pessoas infectadas. Para se ter uma ideia do alcance da doença, estima-se que nas últimas décadas foram estimados 500.000 casos, em diferentes países como Panamá, Trinidad, Peru e Brasil, demonstrando ser um problema de saúde potencial em regiões tropicais da América do Sul e Central (Silva Azevedo, da *et al.*, 2007). Felizmente, a internet e o apoio às teorias da conspiração são recentes, pois, caso contrário, haveria grupos articulando a culpa dos povos indígenas, que com seus xamãs, curandeiros, deveriam estar produzindo vírus na selva, seria mais insanidade diante dos vírus que evoluem na floresta e que o homem é infectado quando entra nela.

O vírus Oropouche não está sozinho em sua origem na floresta; eles são fenômenos da natureza e da evolução do vírus em seus hospedeiros. Existem outros, como o vírus Mayaro e o vírus Rocio, por exemplo. A primeira, outra doença viral, transmitida por mosquitos e recorrente na América do Sul tropical. Ela não tende a ser fatal, mas seu conjunto de sintomas é intenso e sua dor articular pode durar meses, e pode ser bastante incapacitante (Tesh *et al.*, 1999). O vírus Rocio também foi descoberto no Brasil, relacionado à entrada do homem na floresta e ao contato com mosquitos, que foram contaminados por aves de

reservatório, causando encefalite e vários distúrbios, que podem ser fatais ou deixar sequelas graves, tais como sensoriais, problemas motores, incontinência urinária e perda de memória (Sousa Neves, de e Machado, 2016). Os vírus que causam doenças graves com origem no Brasil não foram criados por ninguém, sem culpados, exceto por uma possível forma inadequada de lidar com o meio ambiente.

O problema de apresentar exemplos da floresta é que a irracionalidade recorrente nas redes sociais pode sugerir que seria melhor destruir a floresta, pois ela seria a fonte da doença, com seus mosquitos e aves de reservatório. Deve ser dispensável falar do incalculável valor das florestas brasileiras, mas é bom não subestimar o nível de bestialidade na internet. Outro vírus, o Sabiá, mostra que não é apenas a floresta que é uma possível fonte de novas doenças. Há um relato de morte por esta febre hemorrágica em uma fazenda no interior do Estado de São Paulo, longe da Amazônia. O hospedeiro é um rato selvagem, possivelmente espalhando o vírus através da urina (Figueiredo, 2006). Será que os chineses tentaram afetar o pungente agronegócio brasileiro? Ridículo essa hipótese? Entretanto, produzir um vírus e espalhá-lo para a população também é, e é com isso que estamos lidando hoje.

O fenômeno do surgimento de doenças é global, antigo e recorrente. Acontece e vai acontecer; os animais em que estes vírus (ou bactérias) evoluíram estão lá; toda vez que entrarmos em contato com eles inadvertidamente, estaremos em risco. A lista é longa de infecções bacterianas e virais de origem animal, o número de patógenos está crescendo, trazendo novas doenças com gravidade variável, através de vários vetores e de diversas epidemiologias (Christou, 2011). Culpar um povo, uma nação, não mitigará de forma alguma estas novas epidemias; apenas gerará mais sofrimento, como exemplificado aqui, e possivelmente complicará as investigações e a busca da verdadeira origem e potenciais tratamentos ou prevenção.

Poderíamos então assumir que não há culpados pelo surgimento ou ressurgimento de doenças graves, mas mesmo isso não é inteiramente verdade. Um bom (mau) exemplo que merece ser culpado também vem das profundezas obscuras da Internet, alimentada por redes sociais (Silva, 2020). O movimento anti vacina deve ser culpado pelo ressurgimento de doenças em todo o mundo (Hussain *et al.*, 2018). Provavelmente o movimento mais barulhento e de maior alcance é o oposto da vacina contra o sarampo, mas não é o único. Em um artigo da prestigiosa revista *The Lancet*, este fenômeno tem origem científica, que apontava a relação entre a vacina e a manifestação do autismo (Wakefield, A. J. *et al.*, 1998). Apesar da descoberta de fraude no artigo e da retração da revista (Wakefield, A. *et al.*, 1998), o dano já estava feito. Desde então, artistas e todo tipo de celebridades instantâneas da Internet têm teorias conspiratórias sobre a

vacina e o autismo. Como resultado, muitos deixaram de vacinar seus filhos e a grave doença do sarampo, erradicada em muitos países, ressurgiu: O Brasil e os Estados Unidos experimentam este fruto de irracionalidade (Vasconcellos-Silva, Castiel e Griep, 2015).

Voltando à história das pandemias, tendo nomeado a grande pandemia de gripe de 1918 como espanhola, provavelmente mais uma informação falsa (Shortridge, 1999) não impediu o massacre na época. Devemos esquecer as bobagens xenófobas e nos concentrar em uma possível nova relação com a natureza. A ciência precisa estudar, analisar e discutir os riscos potenciais deste contato inadvertido com outras espécies, como deve ter acontecido no caso da COVID-19 (Zhang, Wu e Zhang, 2020). A transferência poderia ocorrer em vários outros países do mundo; muitos caçam e se alimentam de animais silvestres. A pandemia deve ser um momento para tornar-se melhor para a humanidade e não uma oportunidade para fomentar o ódio.

## Referências

- ARMONY, A. C.; VELÁSQUEZ, N. Anti-Chinese sentiment in Latin America: An analysis of online discourse. **Journal of Chinese Political Science**, v. 20, n. 3, p. 319–346, 2015.
- BARRETT, A. D. T.; MONATH, T. P. Epidemiology and ecology of yellow fever virus. **Advances in virus research**, v. 61, p. 291–317, 2003.
- BAUMGARTL, B.; FAVELL, A. **New xenophobia in Europe**. [s.l.] Martinus Nijhoff Publishers, 1995.
- BELLO. Jair Bolsonaro isolates himself, in the wrong way. **The Economist**, v. April, 11, 2020.
- BRESLIN, S. **China and the global political economy**. [s.l.] Springer, 2016.
- CAMPBELL, G. L. *et al.* West Nile virus. **The Lancet infectious diseases**, v. 2, n. 9, p. 519–529, 2002.
- CHRISTOU, L. The global burden of bacterial and viral zoonotic infections. **Clinical Microbiology and Infection**, v. 17, n. 3, p. 326–330, 2011.
- FIGUEIREDO, L. T. M. Febres hemorrágicas por vírus no Brasil. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 39, n. 2, p. 203–210, 2006.
- FINLEY, T.; KOYAMA, M. Plague, Politics, and Pogroms: The Black Death, the Rule of Law, and the Persecution of Jews in the Holy Roman Empire. **The Journal of**

**Law and Economics**, v. 61, n. 2, p. 253–277, 2018.

GOMES, C. Xenophobia online: Unmasking Singaporean attitudes towards 'foreign talent'migrants. **Asian Ethnicity**, v. 15, n. 1, p. 21–40, 2014.

HAI, Y. Racism and Xenophobia in China. **The East West Dialogue**, 2005.

HEENEY, J. L.; DALGLEISH, A. G.; WEISS, R. A. Origins of HIV and the evolution of resistance to AIDS. **Science**, v. 313, n. 5786, p. 462–466, 2006.

HUSSAIN, A. *et al.* The anti-vaccination movement: a regression in modern medicine. **Cureus**, v. 10, n. 7, 2018.

KHALILI, L. After Brexit: reckoning with Britain's racism and xenophobia. **Poem**, v. 5, n. 2–3, p. 253–265, 2017.

KINDHAUSER, M. K. *et al.* Zika: the origin and spread of a mosquito-borne virus. **Bulletin of the World Health Organization**, v. 94, n. 9, p. 675, 2016.

LIPSTADT, D. **Denying the Holocaust: The Growing Assault on Truth and Memory**. [s.l.] Penguin; UK ed. edition, 2016.

MATHEW, B. *et al.* **Spread of hate speech in online social media** Proceedings of the 10th ACM Conference on Web Science. **Anais...**2019

MCEVEDY, C. The bubonic plague. **Scientific American**, v. 258, n. 2, p. 118–123, 1988.

MOHAMMED, S. N. Conspiracy Theories and Flat-Earth Videos on YouTube. **The Journal of Social Media in Society**, v. 8, n. 2, p. 84–102, 2019.

NOVEL, C. P. E. R. E. The epidemiological characteristics of an outbreak of 2019 novel coronavirus diseases (COVID-19) in China. **Zhonghua liu xing bing xue za zhi= Zhonghua liuxingbingxue zazhi**, v. 41, n. 2, p. 145, 2020.

PAIXÃO, E. S. *et al.* Trends and factors associated with dengue mortality and fatality in Brazil. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 48, n. 4, p. 399–405, 2015.

PRUGNOLLE, F. *et al.* African great apes are natural hosts of multiple related malaria species, including Plasmodium falciparum. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 107, n. 4, p. 1458–1463, 2010.

ROTHAN, H. A.; BYRAREDDY, S. N. The epidemiology and pathogenesis of coronavirus disease (COVID-19) outbreak. **Journal of autoimmunity**, p. 102433, 2020.

SHARP, P. M.; HAHN, B. H. Origins of HIV and the AIDS pandemic. **Cold Spring Harbor perspectives in medicine**, v. 1, n. 1, p. a006841, 2011.

SHORTRIDGE, K. F. The 1918'Spanish'flu: pearls from swine? **Nature medicine**, v. 5, n. 4, p. 384–385, 1999.

SILVA AZEVEDO, R. DO S. DA *et al.* Reemergence of Oropouche fever, northern

Brazil. **Emerging infectious diseases**, v. 13, n. 6, p. 912, 2007.

SILVA, H. M. The historic success of vaccination and the global challenge posed by inaccurate knowledge in social networks. **Patient Education and Counseling**, 2020.

SOLOMON, T. *et al.* Origin and evolution of Japanese encephalitis virus in southeast Asia. **Journal of virology**, v. 77, n. 5, p. 3091–3098, 2003.

SOUSA NEVES, A. DE; MACHADO, C. J. A reemergência do vírus Rocio no Brasil. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, v. 18, n. 1, p. 61–62, 2016.

TAKATSUKI, K. *et al.* Clinical diversity in adult T-cell leukemia-lymphoma. **Cancer research**, v. 45, n. 9 Supplement, p. 4644s–4645s, 1985.

TARAS, R. Transnational xenophobia in Europe? Literary representations of contemporary fears. **The European Legacy**, v. 14, n. 4, p. 391–407, 2009.

\_\_\_\_. **Xenophobia and Islamophobia in Europe**. [s.l.] Edinburgh University Press, 2012.

TESH, R. B. *et al.* Mayaro virus disease: an emerging mosquito-borne zoonosis in tropical South America. **Clinical infectious diseases**, v. 28, n. 1, p. 67–73, 1999.

TOMORI, O. Yellow fever: the recurring plague. **Critical reviews in clinical laboratory sciences**, v. 41, n. 4, p. 391–427, 2004.

VASCONCELLOS-SILVA, P. R.; CASTIEL, L. D.; GRIEP, R. H. The media-driven risk society, the anti-vaccination movement and risk of autismo. **Ciencia & saude coletiva**, v. 20, p. 607–616, 2015.

WAKEFIELD, A. *et al.* RETRACTED: Ileal-lymphoid-nodular hyperplasia, non-specific colitis, and pervasive developmental disorder in children. **The Lancet**, v. 351, n. 9103, p. 637–641, 28 fev. 1998.

WAKEFIELD, A. J. *et al.* Ileal-lymphoid-nodular hyperplasia, non-specific colitis, and pervasive developmental disorder in children. **THE LANCET**, v. 351, p. 637–641, 1998.

WHITE, A. I. R. Historical linkages: epidemic threat, economic risk, and xenophobia. **The Lancet**, 2020.

WHITEHEAD, A. L.; PERRY, S. L.; BAKER, J. O. Make America Christian again: Christian nationalism and voting for Donald Trump in the 2016 presidential election. **Sociology of Religion**, v. 79, n. 2, p. 147–171, 2018.

WINKLER, A. The Medieval Holocaust: The Approach of the Plague and the Destruction of Jews in Germany, 1348-1349. **FEEFHS Journal**, p. 6, 2005.

WISTRICH, R. S. **Demonizing the other: antisemitism, racism and xenophobia**. [s.l.] Routledge, 2013.

WU, Z.; MCGOOGAN, J. M. Characteristics of and important lessons from the coronavirus disease 2019 (COVID-19) outbreak in China: summary of a report of 72 314 cases from the Chinese Center for Disease Control and Prevention. **Jama**, 2020.

YAMAGUCHI, T. Xenophobia in action: Ultrnationalism, hate speech, and the internet in Japan. **Radical History Review**, v. 2013, n. 117, p. 98–118, 2013.

ZHANG, T.; WU, Q.; ZHANG, Z. Probable pangolin origin of SARS-CoV-2 associated with the COVID-19 outbreak. **Current Biology**, 2020.

ZHENG, Y.; PAN, R.; D’COSTA, P. D. From defensive to aggressive strategies: The evolution of economic nationalism in China. **Globalization and Economic Nationalism in Asia**, v. 84, p. 680–714, 2012.

ZIETZ, B. P.; DUNKELBERG, H. The history of the plague and the research on the causative agent *Yersinia pestis*. **International journal of hygiene and environmental health**, v. 207, n. 2, p. 165–178, 2004.

Recebido em: 14/06/2022

Aprovado em: 30/10/2022